

República Partida e Tensões Democráticas¹

Marcos Nobre²

Começo lembrando que nós temos eleições municipais e há uma sensação estranha de que não tem nenhum problema na democracia brasileira. “Ora, tem eleição, as pessoas estão concorrendo, continua tendo programa na televisão. Tudo bem, é pandemia, tem máscara e tal, mas está tudo normal”. E isso é o mais perigoso porque Bolsonaro já foi normalizado durante a campanha em 2018 e depois ele mostrou todos os seus dentes, todo o seu projeto autoritário. E agora, de novo, as pessoas tão dizendo “não, mas ele foi enjaulado, ele foi domado”. Há essa ideia de que tem uma fera que vai ser enjaulada e domada. A gente deve se livrar dessa metáfora e sobretudo dessa crença, porque ainda há uma ameaça que existe em relação à democracia brasileira. Vamos às campanhas municipais com vigor, mas sem esquecer que a democracia brasileira está em risco.

O capitalismo, como já mostrou nos últimos séculos, vive muito bem sem democracia. O socialismo democrático é que tem dificuldade para sobreviver sem democracia, sem conse-

¹ O artigo foi transcrito a partir da fala original na XV Semana de Gestão de Políticas da USP, ocorrida de forma virtual em outubro de 2020. O texto preservou a oralidade da apresentação, apenas com pequenas adaptações. A versão original pode ser consultada na página oficial do Centro Acadêmico Herbert de Souza: https://www.youtube.com/channel/UCM2g7JGjdr-30tE5BVcw_Pw/videos

² Professor livre-docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)

guir aprofundar o sistema democrático que a gente tem, por menos democrático que ele seja. Eu começo propondo para uma pergunta: como e por que o Bolsonaro conseguiu estabelecer essa narrativa hegemônica na pandemia? Como é que contra todas as expectativas, ele conseguiu não só sobreviver, mas minimizar a ação de manifestações populares?

Há de se questionar como é possível que uma campanha de desinformação partindo do próprio presidente e de seus aliados esteja tão bem estruturada e quase invulnerável. Essa campanha é muito bem construída, porque ela é sempre baseada em pedaços de fatos reais escolhidos a dedo. E quando se adota esse tipo de estratégia em uma pandemia como a da COVID-19, em que a ciência de fato sabe muito pouco sobre o vírus, é uma posição ideal para que floresça o negacionismo.

O negacionismo tem vantagens, porque a ciência, nas últimas décadas, esteve tão colada ao poder que se distanciou de ser uma fonte de questionamento ao poder. Essas narrativas conflitantes permitem que se produza o elemento essencial na narrativa do Bolsonaro, que é a confusão. Trata-se de uma confusão deliberada. E ela foi construída em cima da ideia de natural, de desastre natural.

Tudo isso só é possível porque Bolsonaro foi um candidato e é um presidente que se diz antissistema, ou seja, a ideia que ele é contra o sistema e foi eleito nessa base. Essa é a característica de qualquer candidato populista no mundo. A diferença no caso do Bolsonaro é que para ele o sistema e a própria democracia. Ou seja, para o Bolsonaro o sistema a ser combatido é a própria Constituição Federal de 1988.

Nós, democratas, temos o costume de fazer uma narrativa dizendo que existia um período democrático no Brasil entre 1946 e 1964. Uma democracia bem pouco democrática, a gente sabe, mas era a democracia que o Brasil tinha e que sofreu uma interrupção brutal pela ditadura militar de 1964 até 1985 ou 1988, conforme a gente coloca o marco. E agora estaríamos numa redemocratização. Portanto a narrativa democrata é de que o bom sistema, a democracia, foi interrompido, mas voltou. Para o presidente Bolsonaro essa história é narrada de uma maneira diferente. Ele diz que existiu um regime perfeito, que era aquele de 1964, daí tem uma ruptura, que seria a democracia, que veio para atrapalhar o país. Nesta lógica, é preciso voltar para o regime de 1964, segundo o Bolsonaro. Essas disputas narrativas têm muito a ver com essa tensão antissistema dele. E a pretensão antissistema é contra tudo, inclusive contra a ciência.

Quando há uma pandemia, as informações são conflitantes mesmo no interior da ciência. E a posição do Bolsonaro, sendo presidente, foi de produzir uma narrativa hegemônica do desastre natural. Porque se há um desastre quem tenta politizar a pandemia é político, ou seja, é do sistema. Então, o Bolsonaro é aquele político que quer se apresentar como não-político. E o faz o tempo todo.

Desta forma, o que há na narrativa da pandemia? Tem uma confusão generalizada. Há uma coordenação pontual, mesmo por órgãos de governo, mas há ausência de coordenação nacional, que foi a política adotada pelo governo Bolsonaro. A ausência também tem motivação política, a competição em níveis subnacionais, ou seja, estados e municípios.

O governador de São Paulo defende uma vacina, logo o presidente diz que a vacina vem de um determinado país, que seria, segundo ele, o responsável pelo vírus. E a desinformação desse tipo torna a própria vacina uma disputa política. E, vale destacar, que não é só por parte do Bolsonaro, há também responsabilidade do governador João Dória nessa politização. Observa-se que se instaurou uma competição, porque a ausência de ação nacional instaurou uma disputa entre municípios, estados e governo federal, muitas vezes com um passando por cima do outro para tentar obter equipamento médico etc.

E essa situação é tudo que o Bolsonaro quer, que continue a divisão no campo democrático. Esse é o grande objetivo dele, pois foi assim que ele foi eleito, é assim que ele se mantém. O que eu proponho é tentar explicar como é que chegamos a esse ponto, esse estado de confusão.

A verdadeira questão é: por que Bolsonaro não foi responsabilizado? Ou seja, por qual razão não se formou uma maioria esmagadora na população para o seu afastamento? Havia indicações claras de que isso poderia acontecer com a narrativa hegemônica da pandemia. Eu mesmo disse repetidas vezes que o Bolsonaro se aproveita da fragmentação do campo democrático não só para se manter no poder, mas para se reeleger e destruir a democracia em um segundo mandato. A resposta para a pergunta acima seria, então: não existe nenhuma organização política hoje com força suficiente para responsabilizá-lo. E de fato não existe oposição organizada.

É preciso perceber que a situação em que nos encontramos não é a de que Bolsonaro mudou as regras do jogo. Ele mudou o

jogo. Essa parte a gente não conseguiu entender. Porque há uma sensação, desde que as redes sociais e ferramentas como WhatsApp e plataformas de vários tipos se generalizaram no Brasil, de que existia um debate público. Que esse debate público passava pelas redes, mas que em algum momento ele ia bater no que chamamos de meios de comunicação tradicionais. Sendo que de alguma maneira as redes sociais se relacionavam com órgãos de imprensa, com a televisão, com rádio e se relacionavam, portanto, com o jornalismo, que é um campo onde existem regras. Essa ilusão permanece ainda no campo democrático, de que a comunicação digital nas redes sociais e a mídia *mainstream* são um todo, só que não é mais o caso.

Uma porcentagem muito grande de pessoas simplesmente não passa mais por esse lugar de debate público formal ou tradicional e, portanto, se informa e debate por essa nova esfera pública alternativa, que é construída a margem da esfera pública tradicional ou *mainstream*. Logo, essa dificuldade que a gente tem de entender a lógica nova das comunicações e debates públicos é também a dificuldade de entender que agora o “jogo político” é outro. Não foram só as regras que mudaram. E, portanto, a capacidade que as forças democráticas têm para conter o Bolsonaro são frágeis.

É interessante observar que todo populista se apresenta como “bufão”, como “burro”, como “palhaço”, como uma figura inofensiva. Todos os casos de autoritários clássicos foram assim. E é justamente esse tipo de engano que a gente incorre, porque parece que o Bolsonaro está perdendo, parece que ele está sem-

pre acuado. Porém, isso faz parte da ideia de que ele é perseguido pelo sistema. Ele se apresenta como o perseguido pelo sistema, que está sempre acuado, e muita gente acredita. É isso que acho extraordinário, sendo que, na verdade, é exatamente o contrário. Afinal, quem está contendo o Bolsonaro? Aí respondem “as instituições”. Mas que instituições? Um juiz do Supremo, extremamente errático, resolve impedir o Bolsonaro de dar um golpe. Nós estamos dependendo de pessoas, não de instituições. Nós estamos dependendo do acaso para resistir e sustentar a democracia brasileira.

O que temos é uma oposição difusa. Não é uma oposição organizada de tal maneira que seja possível dizer que existe um contraponto ao Bolsonaro. Não existe. Justamente porque todo mundo acha que ao se posicionar individualmente já está sendo o contraponto ao Bolsonaro. Todo mundo acha que ganha dele, todo mundo acha que é capaz de ser como pessoa, como partido, como organização política, a figura que vai derrotar o Bolsonaro. E essa é a grande ilusão, porque a oposição encontra-se fragmentada e o Bolsonaro está no poder jogando um jogo diferente do que a gente jogava até 2018. Criar a ilusão de que se houver uma disputa enfraquecida dentro do campo democrático para saber quem vai ganhar dele, é tudo que o bolsonarismo quer.

Depois que desmoronou a organização política em dois polos que a gente tinha, de um lado do PT, do outro lado tinha o PSDB, e não tinha o que eu chamo de um “mar de PMDBs”. Quem ganhava a eleição, pegava o “mar de PMDBs” inteiro e enquanto

isso ficava o outro grupo esperando para no futuro ganhar a eleição.

Atualmente, o cenário é outro. Só tem Bolsonaro, não tem mais nada que se equipare. Existem “ilhinhas” de fato, tem um arquipélago de partidos e posicionamentos, mas enquanto isso, ele, o Bolsonaro, domina o mar. E para piorar, são arquipélagos de ilhas que lutam entre si. Teve uma fragmentação violenta das forças políticas ao ponto que não conseguem se entender. Porque quem quer ser a oposição ao Bolsonaro, quer fazer isso sozinho.

Observemos as bancadas na Câmara dos Deputados, cinquenta e cinco deputados em uma bancada, numa casa de quinhentos e treze, é bancada de partido grande. É nítido que alguma coisa muito grave aconteceu. Condição para esse cenário é que todas essas forças, como são mais ou menos do mesmo tamanho, ficam se matando entre si. E vai beneficiar quem está no poder.

Tem uma diferença muito grande entre a extrema direita em outros lugares do mundo (Uruguai, Grécia, Alemanha) e a extrema direita no Brasil. Naqueles países, ainda está de pé certo acordo social para isolar a extrema direita e impedir que chegue ao poder. Existe esse acordo, ainda que implícito. No Brasil esse acordo não só não foi feito, como a extrema direita já chegou ao poder. A nossa tarefa agora é muito maior. Nós não temos que isolar a extrema direita, nós vamos ter que tirar a extrema direita do poder. É muito mais grave e difícil do que a união que existe nesses outros países citados para impedir que a extrema direita chegue ao poder.

A república partida e as tensões democráticas são essas. O campo democrático está partido de uma maneira muito perigosa. E essa rachadura não diz respeito à falta de uma união eleitoral, não se trata de eleição. Existe uma coisa que está além da eleição que é a possibilidade que a eleição ainda signifique alguma coisa democrática. É sobre a preservação da democracia. Ninguém fez mais referendo e plebiscito do que Mussolini, na Itália Fascista. O fato de ter eleição, referendo ou plebiscito por si mesmo não significa muita coisa. Precisa-se pensar em que contexto a eleição está, em que instituições ela está colocada. República partida, para mim, é uma democracia em que o Bolsonaro não tem adversário a sua altura porque afinal ele tem tantos que nenhum deles consegue realmente aglutinar todas as energias em torno de si.

Se a gente for pensar um pouco para tentar reconstruir o que aconteceu desde a chegada da pandemia no país, na minha visão, o Bolsonaro realmente entrou em pânico no primeiro momento. A primeira coisa que o Bolsonaro fez quando o vírus chegou foi ir aos Estados Unidos, inclusive contaminou um monte de gente por causa disso. Ele foi lá perguntar o que fazer, porque não tinha ideia. Pensava realmente que isso poderia acabar com ele. Agora o que nós podemos dizer é que a crise sanitária não acabou com o Bolsonaro. Tudo o que ele tentou fazer quando entrou em pânico foi adiantar o cronograma de implantação do autoritarismo, que é um cronograma clássico do populismo autoritário dessa década de 2010, vide o Victor Orbán na Hungria.

Usa-se o primeiro mandato para destruir as instituições democráticas por dentro e no segundo mandato, você implanta definitivamente o autoritarismo. E mantém essa cara de democracia porque, para o Bolsonaro, a ditadura militar era uma democracia. Para ele era a democracia autêntica, afinal era ditadura, mas tinha eleição. Percebe-se como a eleição por si só não significa muita coisa. Precisa ter mais do que só a eleição para ter uma democracia.

No início ele não tinha tempo nem estrutura para um golpe. É um projeto paciente. Estruturando milícias paramilitares, aparelhando a Polícia Federal. Mas teve resistência da sociedade, não o bastante para impedir o projeto do autoritarismo, mas para adiá-lo. Houve uma série de fatores que mostraram que a conjuntura para o golpe final ainda não estava madura.

Bolsonaro foi fazer um acordo com o centrão, mas não é qualquer centrão. Isso é importante dizer, classicamente o centrão tinha a liderança do PMDB. Depois que o governo Temer desmontou completamente o PMDB, quem lidera essa parte do centrão agora é o PP, Partido Progressista, que é o partido herdeiro do partido de sustentação da ditadura militar, ou seja, o Bolsonaro voltou para sua raiz. Ele voltou para suas origens. É aquele centrão realmente herdeiro do partido que na época da ditadura militar chamava ARENA, Aliança Renovadora Nacional, o partido de sustentação dos governos ditatoriais.

Esse foi um momento de grande fragilidade e não aconteceu nada com ele. E por que? Porque abriu-se uma janela para o afastamento do Bolsonaro e ninguém ocupou essa janela. Precisamos destacar que havia possibilidade de se caminhar para um

afastamento do Bolsonaro e não aconteceu. O que aconteceu foi que o Bolsonaro aprendeu algumas coisas muito importantes, que tornam extraordinário o fato que ainda o chamem de burro.

Primeiro, ele descobriu que se apavorou à toa, não seria necessário mostrar todas as cartas. Ele voltou ao projeto original de destruir a democracia em duas etapas: no primeiro mandato cria as condições, num segundo consolida o autoritarismo. Mas teve mais coisa do que isso. O discurso da ditadura militar se normalizou por completo e agora faz parte da paisagem. Não tem nem mais aquelas notas de repúdio no início do governo. Dia 7 de setembro, na comemoração da independência do país, o Bolsonaro acreditando na ditadura militar, em nome da defesa da democracia. É uma das coisas fundamentais para o projeto autoritário. E já está feito, ditadura é uma coisa normal.

A segunda coisa foi esse acordo com o centrão que na verdade é uma proposta que o Bolsonaro faz para o sistema político considerar que se virar uma ditadura os aliados do governo vão continuar no congresso. E o Bolsonaro conseguiu fidelizar uma base expressiva na população. Pela primeira vez, certa parte do eleitorado, da população brasileira, que manteve as tendências autoritárias que foram implantadas pela ditadura de 1964, teve uma candidatura que centralizasse. O Bolsonaro concentrou o eleitorado da extrema direita e organizou. Ele tornou orgânico algo que antes era disperso. E não só isso, o projeto dele é ampliar essa base autoritária. Convencer muito mais gente disso. Bolsonaro descobre com isso que ele não precisa abrir mão de ser antissistema para poder fazer acordo com o centrão. Ele consegue fazer as duas coisas.

No final das contas o que o Bolsonaro aprendeu? Ele aprendeu a força que tem a posição do presidente. E isso é muito grave, porque agora ele sabe a extensão do seu poder. Quando essa janela que se abriu no primeiro semestre de 2020 para o afastamento do Bolsonaro não foi ocupada, Bolsonaro percebeu que não tem adversário. Na verdade, ele tem tantos adversários, focados em brigar um com o outro, para saber quem vai tirá-lo, que no final ele está tranquilo. E esse é um episódio muito trágico para a história brasileira, porque afastar Bolsonaro significava evitar mortes. Estamos chegando em 160 mil mortes³. E isso é uma coisa tão obscena, pois não foi possível tirá-lo por uma razão simples: só o campo democrático unido e organizado pode derrotar o Bolsonaro. E a chance de isso acontecer é baixa hoje, porque todo mundo acha que pode ganhar do Bolsonaro sozinho. E tudo que o Bolsonaro quer é isso, a fragmentação do campo democrático.

Além disso, a ideia de que haverá uma transição pacífica de poder caso o Bolsonaro perca a eleição é alguma coisa que me parece fantasiosa. Se a gente não tiver uma mobilização conjunta das forças democráticas, não vamos conseguir afastar Bolsonaro. Essa frente ampla, eu insisto com vocês, só para terminar, não é uma frente eleitoral e não pode ser. A esquerda tem que se entender, a direita democrática tem que se entender. Precisa criar uma cara própria, a esquerda tem que parar de se autodestruir. E quando se fala em frente ampla, em defesa da democracia, muitas vezes perguntam como entrar em uma frente

³ Atualmente, segundo dados do Ministério da Saúde, passam de 200 mil mortes por COVID.

com golpista, com a pessoa que prendeu o Lula, coisas do gênero. Basta observar a frente ampla contra a ditadura militar, porque nós estamos em uma situação parecida, infelizmente. É o lugar em que você negocia muito duro, em que você põe o dedo na cara do sujeito e diz “olha, você me deu um golpe, você fez uma coisa que não se faz, fez coisas inaceitáveis, mas eu vou sentar aqui e eu vou negociar com você, porque tem uma coisa mais grave que pode acontecer que é acabar a democracia”.

Muitas vezes eu vejo as pessoas dizerem que a situação é muito grave, mas não vejo as pessoas tomarem a atitude que é correspondente a essa gravidade. Porque se a situação é realmente grave, precisa-se criar uma frente em que você negocia não só como afastar o risco autoritário, mas como é que você vai responder as pessoas. É um desafio gigante, porque para formar uma frente ampla tem que negociar coisas mínimas. Não pode levar a um novo governo populista, não pode ter um governo ultraliberal. Há muito o que precisa ser negociado, e negociado duramente, mas mantendo o foco de que o objetivo geral seja preservar a democracia brasileira, que é o essencial. E essa organização precisa ser feita com urgência, porque Bolsonaro não vai abrir mão do seu projeto autoritário. Ele é um sujeito que tem paciência, que aprende, e vai saber destruir a democracia por dentro. E nós não podemos aceitar que chegue em 2023 e se consolide por completo o projeto autoritário de extrema direita que pretende pôr fim ao Brasil.